

A INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA ARTE APINAYÉ COMO UMA POTENCIAL CONTRIBUIÇÃO PARA UMA ESTÉTICA DECOLONIAL

Simara de Sousa Muniz ¹Denyse Mota da Silva ²

RESUMO

Na contemporaneidade, o debate em torno da descolonização dos saberes e práticas tem se mostrado cada vez mais relevante no campo da educação e das artes. Nesse contexto, a integração da educação e da arte Apinayé emerge como um potencial contribuição para uma estética decolonial. Os Apinayé, povo indígena que habita regiões do estado do Tocantins, apresentam uma rica tradição cultural que se manifesta por meio de suas práticas educativas e expressões artísticas. Este estudo objetiva-se discutir sobre como a integração desses dois domínios pode não apenas preservar e valorizar a cultura Apinayé, mas também promover uma ruptura com os padrões coloniais e eurocêntricos de educação e arte. Por meio da mediação intercultural, busca-se compreender como essa integração pode criar espaços de diálogo, reconhecimento e respeito mútuo entre diferentes perspectivas e saberes, contribuindo assim para a construção de uma estética decolonial mais plural e inclusiva. A pesquisa, de teor qualitativo e interdisciplinar, realizada a partir dos critérios da pesquisa bibliográfica ancorada em Severino (2001); Fazenda (2001); Miranda; Silva (2018), Severino (2001), Gil (2002), baseando-se em teóricos importantes nas discussões da temática, como Nimuendaju (1937;1983), Da Matta (1976), Albuquerque, (2007), Albuquerque; Almeida (2019), entre outros. Os resultados permitem afirmar que a integração da educação e da arte Apinayé apresenta potencial significativo para contribuir com uma abordagem decolonial no contexto educacional. Através da análise das práticas educativas e expressões artísticas do povo Apinayé, observa-se que essa integração não apenas fortalece e preserva a cultura indígena, mas também desafia as estruturas coloniais e eurocêntricas dominantes na educação e na arte. Além disso, os resultados sugerem que a mediação intercultural desempenha um papel fundamental nesse processo, promovendo o diálogo e o entendimento entre diferentes perspectivas culturais.

Palavras-chave: Integração, Educação, Arte Apinayé, Estética decolonial, Mediação intercultural.

1. Introdução

A educação e a arte desempenham papéis fundamentais na construção e na expressão da identidade cultural dos povos indígenas. No caso dos Apinayé, um Povo Indígena do estado do Tocantins, a integração entre essas duas dimensões se revela não

¹ Doutora em Letras e Doutoranda em Educação (Educanorte/UFT), Universidade Federal do Tocantins-UFT. Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins, Câmpus Araguatins, simara.sm@unitins.br

² Doutora e Mestre em Letras, Universidade Federal do Tocantins-UFT. Professora do Curso de Letras da Universidade Estadual do Tocantins, Câmpus Araguatins, denyse.ms@unitins.br.

apenas como uma prática de resgate e valorização de saberes ancestrais, mas também como uma forma de resistência frente às narrativas dominantes que historicamente marginalizaram as culturas indígenas. A estética decolonial, por sua vez, surge como um conceito potente para desafiar as estruturas eurocêntricas que permeiam tanto a educação quanto a produção artística, propondo uma reflexão crítica sobre as práticas e representações culturais.

Este estudo objetiva-se discutir sobre como a integração desses dois domínios pode não apenas preservar e valorizar a cultura Apinayé, mas também promover uma ruptura com os padrões coloniais e eurocêntricos de educação e arte. Ao abordar práticas educativas que valorizam a arte como meio de expressão e reflexão, pretendemos evidenciar a importância de ressignificar narrativas e práticas que, ao longo do tempo, têm sido subalternizadas. Assim, ao longo do texto, discutiremos não apenas as manifestações artísticas dos Apinayé, mas também como essas manifestações estão intrinsecamente ligadas a processos educativos que promovem a autonomia, a valorização cultural e a formação de identidades críticas

A pesquisa é qualitativa, bibliográfica, baseada em estudos de Hammersley (1990), Geertz 1973 Flick (2009) Marcus, 1995 Spradley (1980), Rodrigues (2010), dentre outros.

Por meio dessa análise, esperamos contribuir para um diálogo mais amplo sobre as possibilidades de uma educação que, ao integrar arte e cultura indígena, não apenas respeite, mas também celebre a diversidade e a riqueza das expressões culturais que compõem a identidade brasileira.

2. Breve histórico da cultura Apinayé e sua expressão artística

Os Apinayé são um povo indígena que habita a região do norte do estado de Tocantins, Brasil. Com uma história rica e complexa, essa etnia é parte do grupo linguístico Tupi-Guarani e suas origens se estendem muito antes da chegada dos colonizadores europeus. A história dos Apinayé é marcada por desafios, incluindo a colonização e a imposição de políticas assimilacionistas. Como observa Cunha (2009), as culturas indígenas, apesar das adversidades históricas, têm demonstrado uma resiliência notável em preservar sua identidade e tradições.

Nos últimos anos, a luta pela demarcação de terras e pelos direitos indígenas tornou-se central na vida Apinayé, contribuindo para o fortalecimento de sua identidade

cultural. Iniciativas de resgate cultural e educação têm ganhado destaque, promovendo uma valorização das tradições e expressões artísticas que são fundamentais para a manutenção da identidade Apinayé.

Os Apinayé são um povo indígena que se considera remanescente dos Timbira Orientais, autodenominando-se "jê" e falando uma língua que leva o mesmo nome. Este grupo faz parte do Tronco Linguístico Macro-Jê e da Família Linguística Jê (Nimuedajú, 1983; Rodrigues, 1986). Eles habitam a região conhecida como Bico do Papagaio, cujas terras foram homologadas e reconhecidas em 1984. Com uma população total de 2.498 indivíduos (DSEI, 2023), os Apinayé estão distribuídos em 24 aldeias (SEDUC, 2023).

De acordo com Almeida (2015), o Território Apinayé (TI) está localizado a 550 km da capital do Tocantins, Palmas. Embora a estrada que leva à entrada do território seja asfaltada, o asfalto termina ao se avistar as terras Apinayé, obrigando os visitantes a percorrerem estradas de terra que, durante a estação chuvosa, tornam-se extremamente difíceis de transitar, ocasionando sérios transtornos para os indígenas.

[...] Atualmente o grupo se esforça para manter vivos ritos, mitos e festas tradicionais, por exemplo: corrida da tora, corte de cabelo, cantorias e alguns tipos de comida; festas: do maribondo, do casamento, do milho, da batata doce, dos mortos e comemoração ao dia do Índio. Também realizam pinturas corporais, contam histórias e fazem o *Xwýkupu*, bolo Paparuto [...] (Albuquerque; Almeida, 2019, p. 161).

A expressão artística dos Apinayé é multifacetada, englobando diversas formas, como música, dança e artesanato. A música desempenha um papel vital nas cerimônias e festividades. Os ritmos e melodias tradicionais são frequentemente acompanhados por instrumentos como flautas, tambores e chocalhos, refletindo a conexão profunda do povo com a natureza e os ciclos da vida. Vianna (1995) destaca que a música indígena é uma janela para a compreensão de sua cosmovisão, revelando a relação entre os povos e seu ambiente.

As danças apinayé, que variam entre rituais de celebração e cerimônias de cura, são marcadas por movimentos fluidos e vestimentas coloridas, frequentemente adornadas com elementos da flora e fauna local. Para Coelho (1999, p.18), "a dança é um meio de transmissão de saberes, perpetuando histórias e valores que fundamentam a identidade cultural".

Quanto ao artesanato, os Apinayé produzem uma variedade de itens, como cestos, colares e utensílios de cerâmica. Esses objetos não apenas desempenham funções utilitárias, mas também são carregados de simbolismo e significados que refletem a

cosmovisão Apinayé. Castro (2002) observa que o artesanato indígena é uma expressão cultural que não só dialoga com a identidade do povo, mas também se insere em uma narrativa mais ampla de resistência e afirmação.

A arte, para os Apinayé, é mais do que uma manifestação estética; é uma forma de resistência cultural e um meio de afirmar sua identidade. Em um contexto de opressão e marginalização, a expressão artística torna-se uma ferramenta poderosa para reivindicar direitos e contar histórias. A socióloga Vera Paiva (2000) enfatiza que "as práticas culturais são sempre modos de resistência, refletindo a luta de grupos oprimidos para afirmar sua identidade".

Além disso, a integração da arte nas práticas educativas é essencial para o fortalecimento da identidade Apinayé. Ao valorizar as expressões artísticas e culturais nas escolas, cria-se um ambiente que educa e empodera os jovens a se conectarem com suas raízes. Almeida (2021) ressalta que a educação que incorpora a arte indígena promove um sentido de pertencimento e identidade cultural, crucial para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Nesse contexto, a cultura Apinayé, através de suas diversas formas de arte, não apenas enriquece o panorama cultural brasileiro, mas também representa uma resistência viva e pulsante que desafia as estruturas de dominação e busca por um futuro mais justo e inclusivo.

2.1. A Educação Apinayé e o Resgate Cultural

A educação entre os Apinayé desempenha um papel fundamental no processo de resgate e valorização de suas tradições culturais. Historicamente, a imposição de modelos educacionais eurocêntricos resultou na marginalização de saberes e práticas indígenas. No entanto, nas últimas décadas, tem havido um movimento crescente para reverter esse quadro, priorizando uma educação que reconheça e respeite a cultura Apinayé.

Os Apinayé têm implementado iniciativas que integram conhecimentos tradicionais e formas de ensino contemporâneas. Segundo Fleuri (2003), "a educação indígena deve ser um espaço de valorização das culturas, onde os saberes ancestrais possam ser transmitidos e respeitados". Essa perspectiva é fundamental para garantir que as novas gerações se conectem com suas raízes culturais e desenvolvam um senso de identidade.

A intercultura refere-se a um complexo campo de debate entre as variadas concepções e propostas que enfrentam a questão da relação entre processos identitários socioculturais diferentes, focalizando especificamente a

possibilidade de respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule. A intercultura vem se configurando como uma nova perspectiva epistemológica, ao mesmo tempo é um objeto de estudo interdisciplinar e transversal, no sentido de tematizar e teorizar a complexidade (para além da pluralidade ou da diversidade) e a ambivalência ou o hibridismo (para além da reciprocidade ou da evolução linear) dos processos de elaboração de significados nas relações intergrupais e intersubjetivas, constituídas de campos identitários em termos de etnias, de gerações, de gênero, de ação social (Fleuri, 2003, p. 17).

As práticas educativas entre os Apinayé incluem o ensino da língua jê, a transmissão de mitos, danças e canções, além do conhecimento sobre a flora e fauna local. Gomes (2016, p.27) destaca que "uma educação que incorpore a cultura indígena é essencial para a formação de cidadãos críticos, capazes de entender e valorizar sua própria identidade". Essa abordagem promove não apenas o resgate cultural, mas também a autonomia dos jovens Apinayé.

Além disso, a educação Apinayé é frequentemente realizada em contextos comunitários, onde os mais velhos desempenham um papel central na transmissão de saberes. Freire (1996) enfatiza a importância do diálogo e da troca de saberes na educação, afirmando que educar é um ato de amor e de coragem. Essa visão é refletida nas práticas Apinayé, que valorizam a experiência e o conhecimento dos anciãos como fundamentais para a formação da identidade cultural.

Em síntese, a educação Apinayé se configura como um espaço de resgate e valorização cultural, onde o conhecimento tradicional é celebrado e integrado às práticas educativas contemporâneas. Essa abordagem não apenas fortalece a identidade Apinayé, mas também promove uma resistência ativa contra as forças que ameaçam a continuidade de suas tradições.

3. Estética decolonial: conceitos e implicações

A estética decolonial é um conceito que emerge como resposta crítica às narrativas hegemônicas que moldaram a percepção da arte e da cultura, especialmente no contexto das sociedades colonizadas. Trata-se de uma abordagem que busca desconstruir as hierarquias impostas pela colonialidade, promovendo a valorização das diversas expressões culturais que, historicamente, foram marginalizadas. Segundo Rolnik (2004), a decolonização da estética implica um reconhecimento e uma valorização das múltiplas formas de expressão que emergem de culturas diversas, especialmente aquelas que foram silenciadas pela colonização.

No contexto da educação indígena, a estética decolonial se manifesta na valorização dos saberes e das práticas culturais dos povos originários. De acordo com Martins (2010, p. 15), "a luta pela visibilidade e pelo reconhecimento das culturas indígenas é essencial para uma verdadeira democratização do conhecimento". Essa luta envolve não apenas o reconhecimento da importância da arte e da cultura indígena, mas também a integração dessas expressões nas práticas educativas, desafiando o modelo eurocêntrico que historicamente dominou a educação no Brasil.

A estética decolonial também se conecta à ideia de resistência cultural, na qual a arte se torna um veículo para a afirmação da identidade e da autonomia dos povos indígenas. Oliveira (2007) destaca que as práticas artísticas são formas de resistência que permitem aos povos indígenas reafirmar suas identidades em face da opressão. Através da música, da dança e do artesanato, os Apinayé, por exemplo, ressignificam suas experiências e narrativas, criando espaços de visibilidade e afirmação.

Além disso, a estética decolonial propõe um novo olhar sobre a diversidade cultural, que vai além da simples coexistência de diferentes tradições. Menezes (2018) afirma que o reconhecimento da pluralidade estética é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Nesse sentido, a educação que integra a estética decolonial não apenas enriquece o processo de aprendizado, mas também promove a construção de uma cidadania mais crítica e consciente.

Em suma, a estética decolonial se apresenta como uma ferramenta poderosa para a descolonização do saber e da arte, desafiando as narrativas dominantes e promovendo a valorização das culturas indígenas. Ao integrar esses conceitos nas práticas educativas, é possível fomentar um ambiente que respeite e celebre a diversidade cultural, contribuindo para a construção de identidades mais inclusivas e autênticas.

3.1. Integração da educação e da arte na prática Apinayé

A integração entre educação e arte é um aspecto fundamental na cultura Apinayé, onde as práticas artísticas se tornam um meio de transmissão de saberes e valores essenciais para a formação da identidade. Esse processo não apenas enriquece a experiência educativa, mas também fortalece a conexão entre as novas gerações e suas raízes culturais. Para os Apinayé, a arte é um veículo poderoso de comunicação e expressão, permitindo que suas histórias e tradições sejam perpetuadas.

Como destaca Coelho (1999), a arte é uma linguagem que possibilita a expressão da identidade cultural e a reflexão crítica sobre a realidade. Nos contextos educativos

Apinayé, as práticas artísticas — como música, dança e artesanato — são incorporadas ao currículo escolar, promovendo um aprendizado que valoriza a cultura local. Essa abordagem contribui para a formação de um ambiente de aprendizado mais significativo e relevante para os estudantes.

Além disso, a arte é frequentemente utilizada como uma ferramenta de resistência e afirmação cultural. Segundo Castro (2002, p.08), "a arte indígena não é apenas uma manifestação estética, mas uma forma de resistência que permite aos povos afirmar sua identidade em um contexto de opressão". Na prática Apinayé, essa resistência se manifesta nas expressões artísticas que recontam suas histórias e lutam contra as invisibilizações impostas pela sociedade dominante.

A prática pedagógica que integra educação e arte também permite a valorização das vozes e saberes dos anciãos. Como aponta Paiva (2000), a educação deve ser um espaço de diálogo entre gerações, onde a sabedoria dos mais velhos é respeitada e reconhecida. Nos Apinayé, essa interação é vital, pois os mais velhos transmitem não apenas conhecimentos artísticos, mas também ensinamentos sobre a cultura e a história do povo, fortalecendo a identidade coletiva.

Ademais, a integração da arte nas práticas educativas Apinayé cria oportunidades para que os jovens desenvolvam habilidades críticas e criativas. Freire (1996) enfatiza que a educação deve libertar, e não oprimir, e essa visão é refletida nas práticas que incentivam os estudantes a se expressarem artisticamente e a questionarem as realidades que os cercam. Por meio da arte, os jovens Apinayé se tornam agentes ativos na construção de suas identidades e na afirmação de seus direitos.

Assim, a integração da educação e da arte na prática Apinayé é um elemento essencial para a preservação e valorização de sua cultura. Essa abordagem não apenas enriquece o processo educativo, mas também contribui para a construção de uma identidade coletiva forte e resiliente, capaz de resistir às forças de homogeneização cultural.

3.2. Desafios e oportunidades para uma estética decolonial

A construção de uma estética decolonial enfrenta diversos desafios no contexto contemporâneo, especialmente em sociedades marcadas por longos períodos de colonialidade e opressão cultural. No entanto, esses desafios também apresentam oportunidades significativas para a valorização e reconhecimento das culturas indígenas, como a dos Apinayé.

Também está no horizonte da aprendizagem dos Apinajé a “*gôm hahêk hã mēhkĩnh*” (festa da tinguizada), atividade de pesca coletiva que os indígenas praticam na estação da seca, coletiva ou individualmente em rios e ribeirões, com o uso do tinguí (planta tóxica que adormece os peixes). Também aprendem a fabricar artesanatos como: flechas, arcos, pulseiras, cocá, brincos, colares, cintos e bolsas de diversos tipos. Além de materiais para decoração de interiores, suportes para panela, abanos, esteiras que servem como portas e também como artefato para dormir e a pintura corporal, elemento repleto de significados que traduzem a identidade dos indígenas enquanto grupo étnico. Esta aprendizagem é estendida aos indígenas de ambos os sexos e de todas as idades (Almeida, 2015).

Um dos principais desafios é a resistência das estruturas hegemônicas que ainda predominam no campo da arte e da educação. Reis e Andrade (2018) observa que as instituições culturais frequentemente perpetuam narrativas que marginalizam as expressões artísticas indígenas, dificultando sua inserção no espaço público. Essa marginalização se reflete não apenas na falta de visibilidade, mas também na dificuldade de acesso a recursos e espaços de expressão para os artistas indígenas.

Outro desafio importante é a necessidade de uma formação adequada para educadores e artistas que atuam em contextos indígenas. Cunha (2009) ressalta que é crucial que os educadores compreendam e respeitem as especificidades culturais de cada povo. Sem essa compreensão, as iniciativas de educação e arte podem acabar reproduzindo modelos eurocêntricos que não atendem às necessidades e contextos locais, prejudicando o potencial transformador da estética decolonial.

[...] os pensamentos pós-colonial e decolonial constituem projetos que estão sendo construídos à medida que as relações sócio-históricas acontecem no âmago da sociedade moderna. Assim, o pensamento pós-colonial articula-se na perspectiva de demonstrar as dessemelhanças antagônicas existentes entre colonizador e colonizado, denunciando essa discrepância como um projeto de domínio e opressão (Reis, Andrade, 2018, p. 3).

Entretanto, esses desafios também oferecem oportunidades únicas. A crescente valorização da diversidade cultural e a demanda por inclusão nas narrativas artísticas abrem espaço para a emergência de novas vozes. Oliveira (2007) enfatiza que a valorização das culturas indígenas na educação e na arte é uma forma de resistir à homogeneização cultural e de promover uma sociedade mais justa. Essa valorização pode

ser uma alavanca para a promoção de políticas públicas que apoiem a produção e a difusão de arte indígena.

Além disso, o uso das novas tecnologias e das redes sociais representa uma oportunidade poderosa para a difusão da estética decolonial. Martins (2010), as plataformas digitais podem servir como espaços de resistência e afirmação cultural, permitindo que as vozes indígenas alcancem um público mais amplo. Essa nova forma de visibilidade pode impulsionar a discussão sobre a importância da arte e da cultura indígena na construção da identidade nacional.

[...] O pensamento decolonial tem como utopia a libertação de todas as formas de dominação [...] como a de gênero e a advinda da exploração capitalista. Sua categoria principal, contudo, é “raça” [...] vista como o fundamento da instalação de uma relação de poder que torna as diferenças entre os povos justificativas para uma relação de exploração e dominação que se inicia no século XVI. Busca-se superar a perspectiva evolucionista, unilinear e dual que coloca de um lado o europeu branco, como superior e, do outro, o não-branco submetido a uma alteridade negativa que encobre e sufoca seu potencial existencial. A estrutura racializadora é objeto de análises profundas que acompanham suas origens e denunciam como ajudaram a conformar um padrão de poder violento que, a despeito de suas mudanças, ainda é ativo (Freitas, 2019, p. 92).

Dessa forma, apesar dos desafios enfrentados, as oportunidades para a promoção de uma estética decolonial são vastas. Ao abraçar a diversidade cultural e fomentar a inclusão, é possível construir um cenário em que as vozes indígenas sejam ouvidas e valorizadas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais plural e justa.

Considerações Finais

A integração da educação e da arte na prática Apinayé não apenas enriquece o contexto educativo, mas também se configura como uma estratégia fundamental para o resgate e a valorização da cultura indígena. Ao promover uma estética decolonial, os Apinayé reafirmam sua identidade e resistência em um cenário marcado pela marginalização histórica. Através da música, dança e artesanato, eles recontam suas histórias, fortalecendo laços comunitários e garantindo que os saberes ancestrais sejam transmitidos às novas gerações.

Os desafios enfrentados na promoção de uma estética decolonial — como a resistência de estruturas hegemônicas e a necessidade de formação adequada para educadores — devem ser encarados como oportunidades para criar espaços de

visibilidade e inclusão. A valorização das culturas indígenas no campo da educação e da arte é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

Neste contexto, a educação que incorpora a arte e a estética decolonial não apenas empodera os jovens Apinayé, mas também os posiciona como protagonistas de suas próprias narrativas. Ao reconhecer e respeitar suas expressões culturais, abre-se caminho para um diálogo mais rico e diversificado, capaz de desafiar as normas estabelecidas e promover a equidade.

Assim, ao refletir sobre a integração da educação e da arte na prática Apinayé, destacamos a importância de reconhecer a pluralidade cultural como um valor fundamental na formação de uma identidade nacional. A luta pela visibilidade e valorização das vozes indígenas é uma jornada coletiva, que exige compromisso, respeito e solidariedade de toda a sociedade.

Referências

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges, ALMEIDA, Severina Alves de (Sissi). Saberes Tradicionais Indígenas nos Processos de Ensino em Escolas Apinajé e Krahô. In: José Carlos Libâneo, Adda Daniela Lima Figueiredo Echalar, Marilza Vanessa Rosa Suanno e Sandra Valéria Limonta Rosa (Org). **Em defesa do direito à educação escolar: Didática, currículo e políticas educacionais em debate.** E-book. Disponível: <http://cepedgoias.com.br/novo-e-book-em-defesa-do-direito-a-educacao-escolar>. Cesso em: 03-out-2024.

ALMEIDA, Severina Alves, ALBUQUERQUE, Francisco Edviges, SOUSA, Rosineide Magalhães, SILVA, Ângela Maria, FERREIRA, Renato Reis. A PESQUISA ETNOGRÁFICA NO CONTEXTO INDÍGENA APINAJÉ. In: **JNT - Facit Business and Technology Journal**. v. 1, n. 2. 2017. Pp. 156-176. ISSN 2526-4281 Disponível: <https://jnt.faculdadefacit.edu.br>. Acesso em: 06-ago-2024.

CASTRO, Eduard Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **A cultura indígena no Brasil: um olhar antropológico**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **A prática da leitura: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 1999.

FREITAS, Altieri Dias de. **Entre o “Ironista” e o “Decolonial”**: um estudo pragmatista de Walter Mignolo. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pernambuco UFPE. Recife-PE, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e diversidade: uma perspectiva de inclusão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MARTINS, José de Souza. **A construção social da identidade indígena**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

MEDEIROS, Hélio. **A arte e suas políticas: uma crítica à modernidade**. São Paulo: Annablume, 2018.

NIMUEDAJÚ. **As línguas jê do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1983.

OLIVEIRA, Lúcia A. C. de. **Práticas culturais e identidades sociais**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

PAIVA, Vera. **Educação e diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2000.

REIS, Maurício de Novais, ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz. **O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas**. Revista Espaço Acadêmico. Vol. 17. Nº 202. 2018. Disponível: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070>. Acesso em: 12-set-2024.

SANTOS, Rafael José dos; BARRETTO, Margarita. **Aculturação, Impactos Culturais, Processos de Hibridação: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo**. **Turismo em Análise**, v. 17, n. 2, p. 244-261, novembro 2006. Disponível: www.revistas.usp.br. Acesso em: 11-set-2024.

ROLNIK, Suely. **A luta pela cidade: uma visão decolonial da urbanização**. São Paulo: Editora 34, 2004.

RODRIGUES, Aryon D. **Línguas indígenas do Brasil: uma introdução**. São Paulo: Editora UNESP, 1986.